

DOMINGO I DO ADVENTO

CIC 668-677, 769: a tribulação final e a vinda de Cristo na glória

- 668** «Cristo morreu e voltou à vida para ser Senhor dos mortos e dos vivos» (*Rm* 14, 9). A ascensão de Cristo aos céus significa a sua participação, na sua humanidade, no poder e autoridade do próprio Deus. Jesus Cristo é Senhor: Ele possui todo o poder nos céus e na Terra. Está «acima de todo o principado, poder, virtude e soberania», porque o Pai «tudo submeteu a seus pés» (*Ef* 1, 20-22). Cristo é o Senhor do cosmos¹ e da história. N'Ele, a história do homem, e até a criação inteira, encontram a sua «recapitulação»², o seu acabamento transcendente.
- 669** Como Senhor, Cristo é também a cabeça da Igreja, que é o seu corpo³. Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente a sua missão, continua na terra por meio da Igreja. A redenção é a fonte da autoridade que Cristo, em virtude do Espírito Santo, exerce sobre a Igreja⁴. «O Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja»⁵, «gérmen e princípio deste mesmo Reino na Terra»⁶.
- 670** Depois da ascensão, o desígnio de Deus entrou na sua consumação. Estamos já na «última hora» (*1 Jo* 2, 18)⁷. «Já chegou pois, a nós, a plenitude dos tempos, a renovação do mundo já está irrevogavelmente adquirida e, de certo modo, encontra-se já realmente antecipada neste tempo: com efeito, ainda aqui na Terra, a Igreja está aureolada de uma verdadeira, embora imperfeita, santidade»⁸. O Reino de Cristo manifesta já a sua presença pelos sinais miraculosos⁹ que acompanham o seu anúncio pela Igreja¹⁰.
- 671** Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (*Lc* 21, 27)¹¹ pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal¹², embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido¹³, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que

¹ Cf. *Ef* 4, 10; *1 Cor* 15, 24.27-28.

² Cf. *Ef* 1, 10.

³ Cf. *Ef* 1, 22.

⁴ Cf. *Ef* 4, 11-13.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 8.

⁷ Cf. *1 Pe* 4, 7.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁹ Cf. *Mc* 16, 17-18.

¹⁰ Cf. *Mc* 16, 20.

¹¹ Cf. *Mt* 25, 31.

¹² Cf. *2 Ts* 2, 7.

¹³ Cf. *1 Cor* 15, 28.

pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»¹⁴. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia¹⁵, para que se apresse o regresso de Cristo¹⁶, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (*Ap* 22, 20)¹⁷.

- 672** Cristo afirmou, antes da sua ascensão, que ainda não era a hora do estabelecimento glorioso do Reino messiânico esperado por Israel¹⁸, o qual devia trazer a todos os homens, segundo os profetas¹⁹, a ordem definitiva da justiça, do amor e da paz. O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho²⁰; mas é também um tempo ainda marcado pela «desolação»²¹ e pela provação do mal²², que não poupa a Igreja²³ e inaugura os combates dos últimos dias²⁴. É um tempo de espera e de vigília²⁵.
- 673** A partir da ascensão, a vinda de Cristo na glória está iminente²⁶, mesmo que não nos «pertença saber os tempos ou os momentos que o Pai determinou com a sua autoridade» (*Act* 1, 7)²⁷. Este advento escatológico pode realizar-se a qualquer momento²⁸, ainda que esteja «retido», ele e a provação final que o há-de preceder²⁹.
- 674** A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história³⁰, do seu reconhecimento por «todo o Israel»³¹, do qual «uma parte se endureceu»³² na «incredulidade» (*Rm* 11, 20) em relação a Jesus. É Pedro quem diz aos judeus de Jerusalém, após o Pentecostes: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os pecados vos sejam perdoados. Assim, o Senhor fará que venham os tempos de alívio e vos mandará o Messias Jesus, que de antemão vos foi destinado. O céu tem de O conservar até à altura da restauração universal, que Deus anunciou pela boca dos seus santos profetas de outrora» (*Act* 3, 19-21). E Paulo faz-se eco destas palavras: «Se da sua rejeição resultou a reconciliação do mundo, o que será a sua reintegração senão uma ressurreição de entre os mortos?» (*Rm* 11, 15). A entrada da totalidade dos judeus³³ na salvação messiânica, a seguir à «conversão total dos pagãos»³⁴, dará ao povo de Deus ocasião de «realizar a plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13), na qual «Deus será tudo em todos» (*1 Cor* 15, 2).

¹⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

¹⁵ Cf. *1 Cor* 11, 26.

¹⁶ Cf. *2 Pe* 3, 11-12.

¹⁷ Cf. *1 Cor* 16, 22; *Ap* 22, 17.

¹⁸ Cf. *Act* 1, 6-7.

¹⁹ Cf. *Is* 11, 1-9.

²⁰ Cf. *Act* 1, 8.

²¹ Cf. *1 Cor* 7, 26.

²² Cf. *Ef* 5, 16.

²³ Cf. *1 Pe* 4, 17.

²⁴ Cf. *1 Jo* 2, 18; 4, 3; *1 Tm* 4, 1.

²⁵ Cf. *Mt* 25, 1-13; *Mc* 13, 33-37.

²⁶ Cf. *Ap* 22, 20.

²⁷ Cf. *Mc* 13, 32.

²⁸ Cf. *Mt* 24, 44; *1 Ts* 5, 2.

²⁹ Cf. *2 Ts* 2, 3-12.

³⁰ Cf. *Rm* 11, 31.

³¹ Cf. *Rm* 11, 26; *Mt* 23, 39.

³² Cf. *Rm* 11, 25.

³³ Cf. *Rm* 11, 12.

³⁴ Cf. *Rm* 11, 25; *Lc* 21, 24.

- 675** Antes da vinda de Cristo, a Igreja deverá passar por uma prova final, que abalará a fé de numerosos crentes³⁵. A perseguição, que acompanha a sua peregrinação na Terra³⁶, porá a descoberto o «mistério da iniquidade», sob a forma duma impostura religiosa, que trará aos homens uma solução aparente para os seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o homem se glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado³⁷.
- 676** Esta impostura anticristica já se esboça no mundo, sempre que se pretende realizar na história a esperança messiânica, que não pode consumir-se senão para além dela, através do juízo escatológico. A Igreja rejeitou esta falsificação do Reino futuro, mesmo na sua forma mitigada, sob o nome de milenarismo³⁸, e principalmente sob a forma política dum messianismo secularizado, «intrinsecamente perverso»³⁹.
- 677** A Igreja não entrará na glória do Reino senão através dessa última Páscoa, em que seguirá o Senhor na sua morte e ressurreição⁴⁰. O Reino não se consumará, pois, por um triunfo histórico da Igreja⁴¹ segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o último desencadear do mal⁴², que fará descer do céu a sua Esposa⁴³. O triunfo de Deus sobre a revolta do mal tomará a forma de Juízo final⁴⁴, após o último abalo cósmico deste mundo passageiro⁴⁵.
- 769** «A Igreja [...] só na glória celeste alcançará a sua realização acabada»⁴⁶, aquando do regresso glorioso de Cristo. Até esse dia, «a Igreja avança na sua peregrinação por entre as perseguições do mundo e das consolações de Deus»⁴⁷. Vivendo na terra, ela tem consciência de viver no exílio, longe do Senhor⁴⁸ e suspira pelo advento do Reino em plenitude, pela hora em que «espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória»⁴⁹. A consumação da Igreja – e através dela, do mundo – na glória, não se fará sem grandes provações. Só então é que «todos os justos, desde Adão, “desde o justo Abel até ao último eleito”, se encontrarão reunidos na Igreja universal junto do Pai»⁵⁰.

³⁵ Cf. *Lc* 18, 8; *Mt* 24, 12.

³⁶ Cf. *Lc* 21, 12; *Jo* 15, 19-20.

³⁷ Cf. *2 Ts* 2, 4-12; *1 Ts* 5, 2-3; *2 Jo* 7; *1 Jo* 2, 18.22.

³⁸ Cf. SANTO OFÍCIO, *Decretum de millenarismo* (19 de Julho de 1944): DS 3839.

³⁹ Cf. Pio XI, Enc. *Divini Redemptoris* (19 de Março de 1937): AAS 29 (1937) 65-106, condenando o «falso misticismo» desta «simulação da redenção dos humildes» (p. 69); II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 20-21: AAS 58 (1966) 1040-1042.

⁴⁰ Cf. *Ap* 19, 1-9.

⁴¹ Cf. *Ap* 13, 8.

⁴² Cf. *Ap* 20, 7-10.

⁴³ Cf. *Ap* 21, 2-4.

⁴⁴ Cf. *Ap* 20, 12.

⁴⁵ Cf. *2 Pe* 3, 12-13.

⁴⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁴⁷ SANTO AGOSTINHO, *De Civitate Dei* 18, 51 CSEL 40/2, 534 (PL 41, 614); cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

⁴⁸ Cf. *2 Cor* 5, 6; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 6: AAS 57 (1965) 9.

⁴⁹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 8.

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 6.

CIC 451, 671, 1130, 1403, 2817: “Vem, Senhor Jesus!”

451 A oração cristã é marcada pelo título de «Senhor», quer no convite à oração: «O Senhor esteja convosco», quer na conclusão da mesma: «Por nosso Senhor Jesus Cristo», quer ainda pelo grito cheio de confiança e de esperança: «Marana atha» («O Senhor vem!») ou «Marana tha» («Vem, Senhor!») (1 Cor 16, 22): «Amen, vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20).

671 Já presente na sua Igreja, o Reino de Cristo, contudo, ainda não está acabado «em poder e glória» (Lc 21, 27)⁵¹ pela vinda do Rei à terra. Este Reino ainda é atacado pelos poderes do mal⁵², embora estes já tenham sido radicalmente vencidos pela Páscoa de Cristo. Até que tudo Lhe tenha sido submetido⁵³, «enquanto não se estabelecem os novos céus e a nova terra, em que habita a justiça, a Igreja peregrina, nos seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem à presente ordem temporal, leva a imagem passageira deste mundo e vive no meio das criaturas que gemem e sofrem as dores do parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus»⁵⁴. Por este motivo, os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia⁵⁵, para que se apresse o regresso de Cristo⁵⁶, dizendo-Lhe: «Vem, Senhor» (Ap 22, 20)⁵⁷.

1130 A Igreja celebra o mistério do seu Senhor «até que Ele venha» e «Deus seja tudo em todos» (1 Cor 11, 26; 15, 28). Desde a era Apostólica, a liturgia é atraída para o seu termo pelo gemido do Espírito na Igreja: «Marana tha!» (1 Cor 16, 22). A liturgia participa, assim, no desejo de Jesus: «Tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa [...], até que ela se realize plenamente no Reino de Deus» (Lc 22, 15-16). Nos sacramentos de Cristo, a Igreja recebe já as arras da sua herança e já participa na vida eterna, embora «aguardando a ditosa esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo» (Tt 2, 13). «O Espírito e a esposa dizem: “Vem!” [...] «Vem, Senhor Jesus!»» (Ap 22, 17.20).

São Tomás de Aquino define assim as diferentes dimensões do sinal sacramental: «*Sacramentum est et signum rememorativum eius quod praecessit, scilicet passionis Christi; et demonstrativum eius quod in nobis efficitur per Christi passionem, scilicet gratiae; et prognosticum, id est, praenuntiativum futurae gloriae* – O sacramento é sinal rememorativo daquilo que o precedeu, ou seja, da paixão de Cristo; e demonstrativo daquilo que em nós a paixão de Cristo realiza, ou seja, da graça; e prognóstico, quer dizer, que anuncia de antemão a glória futura»⁵⁸.

1403 Na última ceia, o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo

⁵¹ Cf. Mt 25, 31.

⁵² Cf. 2 Ts 2, 7.

⁵³ Cf. 1 Cor 15, 28.

⁵⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁵⁵ Cf. 1 Cor 11, 26.

⁵⁶ Cf. 2 Pe 3, 11-12.

⁵⁷ Cf. 1 Cor 16, 22; Ap 22, 17.

⁵⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 60, a. 3 c.: Ed. Leon. 12, 6.

no Reino do meu Pai» (Mt 26, 29)⁵⁹. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (Ap 1, 4). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (1 Cor 16, 22), «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20), «que a Tua graça venha e que este mundo passe!»⁶⁰.

2817 Esta petição é o «Marana Tha», o clamor do Espírito e da esposa: «Vem, Senhor Jesus!»:

«Mesmo que esta oração não nos tivesse imposto o dever de pedir a vinda deste Reino, teríamos espontaneamente soltado este grito, com pressa de irmos abraçar o objecto das nossas esperanças. As almas dos mártires, sob o altar de Deus, invocam o Senhor com grandes gritos: “Até quando, Senhor, até quando tardarás em pedir contas do nosso sangue aos habitantes da terra?” (Ap 6, 10). Eles devem, com efeito, alcançar justiça, no fim dos tempos. Apressa, portanto, Senhor, a vinda do Teu Reino!»⁶¹.

CIC 439, 496, 559, 2616: Jesus é o filho de David

439 Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel⁶². Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito⁶³, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano⁶⁴, essencialmente político⁶⁵.

496 Desde as primeiras formulações da fé⁶⁶, a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]»⁶⁷. Os santos Padres vêem, na concepção virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da raça de David segundo a carne⁶⁸, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus⁶⁹; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»⁷⁰.

⁵⁹ Cf. Lc 22, 18; Mc 14, 25.

⁶⁰ *Didaké* 10, 6: SC 248, 180 (FUNK, *Patres apostolici* 1, 24).

⁶¹ TERTULIANO, *De oratione*, 5, 2-4: CCL 1, 260 (PL 1, 1261-1262).

⁶² Cf. Mt 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9.15.

⁶³ Cf. Jo 4, 25-26; 11, 27.

⁶⁴ Cf. Mt 22, 41-46.

⁶⁵ Cf. Jo 6, 15; Lc 24, 21.

⁶⁶ Cf. DS 10-64.

⁶⁷ CONCÍLIO DE LATRÃO, (ano 649), Canon 3: DS 503.

⁶⁸ Cf. Rm 1, 3.

⁶⁹ Cf. Jo 1, 13.

⁷⁰ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (FUNK 1, 274-276).

559 Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei⁷¹, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (Lc 1, 32)⁷². E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (Sl 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (Zc 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade⁷³. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças⁷⁴ e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores⁷⁵. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

2616 A oração a *Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso⁷⁶, de Jairo⁷⁷, da cananea⁷⁸, do bom ladrão⁷⁹) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico⁸⁰, da hemorroíssa que Lhe tocou na veste⁸¹, as lágrimas e o perfume da pecadora⁸²). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (Mt 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (Mc 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»⁸³.

CIC 207, 210-214, 270, 1062-1063: Deus é fiel e misericordioso

207 Ao revelar o seu nome, Deus revela ao mesmo tempo a sua fidelidade, que é de sempre e para sempre, válida tanto para o passado («Eu sou o Deus de teu pai» – Ex 3, 6), como para o futuro («Eu estarei contigo» – Ex 3, 12). Deus, que revela o seu nome como sendo «Eu sou», revela-Se como o Deus que está sempre presente junto do seu povo para o salvar.

⁷¹ Cf. Jo 6, 15.

⁷² Cf. Mt 21, 1-11.

⁷³ Cf. Jo 18, 37.

⁷⁴ Cf. Mt 21, 15-16; Sl 8, 3.

⁷⁵ Cf. Lc 19, 38; 2, 14.

⁷⁶ Cf. Mc 1, 40-41.

⁷⁷ Cf. Mc 5, 36.

⁷⁸ Cf. Mc 7, 29.

⁷⁹ Cf. Lc 23, 39-43.

⁸⁰ Cf. Mc 2, 5.

⁸¹ Cf. Mc 5, 28.

⁸² Cf. Lc 7, 37-38.

⁸³ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. *Instrução geral da Liturgia das Horas*, 7: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

- 210** Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro⁸⁴, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor⁸⁵. A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória, Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (*Ex* 33, 18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 5-6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão⁸⁶.
- 211** O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (*Ex* 34, 7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (*Ef* 2, 4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que *Eu sou*» (*Jo* 8, 28).
- 212** No decorrer dos séculos, a fé de Israel pôde desenvolver e aprofundar as riquezas contidas na revelação do nome divino. Deus é único, fora d’Ele não há deuses⁸⁷. Ele transcende o mundo e a história. Foi Ele que fez o céu e a terra; «eles hão-de passar, mas Vós permaneceis; tal como um vestido, eles se vão gastando [...] Vós, porém, sois sempre o mesmo e os vossos anos não têm fim» (*Sl* 102, 27-28). N’Ele «não há variação nem sombra de mudança» (*Tg* 1, 17). Ele é «Aquele que é», desde sempre e para sempre; e assim, permanece sempre fiel a Si mesmo e às suas promessas.
- 213** A revelação do nome inefável «Eu sou Aquele que sou» encerra, portanto, a verdade que só Deus «É». Foi nesse sentido que já a tradução dos Setenta e, na sua sequência, a Tradição da Igreja, compreenderam o nome divino: Deus é a plenitude do Ser e de toda a perfeição, sem princípio nem fim. Enquanto todas as criaturas d’Ele receberam todo o ser e o ter, só Ele é o seu próprio Ser, e Ele é por Si mesmo tudo o que Ele é.
- 214** Deus, «Aquele que É», revelou-se a Israel como Aquele que é «cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 6). Estas duas palavras exprimem, de modo sintético, as riquezas do nome divino. Em todas as suas obras, Deus mostra a sua benevolência, a sua bondade, a sua graça, o seu amor; mas também a sua credibilidade, a sua constância, a sua fidelidade, a sua verdade. «Hei-de louvar o vosso nome pela vossa bondade e fidelidade» (*Sl* 138, 2)⁸⁸. Ele é a verdade, porque «Deus é luz, e n’Ele não há trevas nenhuma» (*1 Jo* 1, 5); Ele é «Amor», como ensina o apóstolo João (*1 Jo* 4, 8).

⁸⁴ Cf. *Ex* 32.

⁸⁵ Cf. *Ex* 33, 12-17.

⁸⁶ Cf. *Ex* 34, 9.

⁸⁷ Cf. *Is* 44, 6.

⁸⁸ Cf. *Sl* 85, 11.

- 270** Deus é o *Pai* todo-poderoso. A sua paternidade e o seu poder esclarecem-se mutuamente. Com efeito, Ele mostra a sua onnipotência paterna pelo modo como cuida das nossas necessidades⁸⁹; pela adopção filial que nos concede («serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo poderoso»: 2 *Cor* 6, 18); enfim, pela sua infinita misericórdia, pois mostra o seu poder no mais alto grau, perdoando livremente os pecados.
- 1062** Em hebraico, *Ámen* está ligado à mesma raiz que a palavra «crer», raiz que exprime solidez, confiança, fidelidade. Assim se compreende porque é que o «Ámen» se pode dizer tanto da fidelidade de Deus para connosco como da nossa confiança n'Ele.
- 1063** No profeta Isaías encontramos a expressão «Deus de verdade», literalmente «Deus do Ámen», quer dizer, o Deus fiel às suas promessas: «Todo aquele que desejar ser abençoado sobre a terra deve desejar sê-lo pelo Deus fiel (do Ámen)» (*Is* 65, 16). Nosso Senhor emprega frequentemente a palavra «Ámen»⁹⁰, por vezes sob forma redobrada⁹¹, para sublinhar a confiança que deve inspirar a sua doutrina, a sua autoridade fundada na verdade de Deus.

⁸⁹ Cf. *Mt* 6, 32.

⁹⁰ Cf. *Mt* 6, 2.5.16.

⁹¹ Cf. *Jo* 5, 19.